

Rui Zink

OSSO



Índice

Era uma vez 9

1. Forma 13

2. Vazio 33

3. Uma ideia 43

4. Amizade 61

5. Amor 83

6. Fé 103

7. Imaginação 111

8. Mundo 121

Moral da história 131

título	Osso
autor	Rui Zink
ilustrações	Rui Zink
edição	teodolito Editor: Carlos da Veiga Ferreira
n.º edição	48
isbn	978-989-8580-38-2
depósito legal	397748/15
impressão e acabamento	Rainho & Neves, Lda. – Santa Maria da Feira geral@rainhoeneves.pt
distribuição	Companhia das Artes – Livros e Distribuição, Lda. comercial@companhiadasartes.pt
1.ª edição	Setembro de 2015
teodolito	é uma chancela do grupo edições afrontamento

**Transforma-se o amador na cousa amada
por virtude do muito imaginar;
não tenho logo mais que desejar,
pois em mim tenho a parte desejada.**

Luís de Camões

A vida é uma coisa demasiado importante para ser
levada a sério.

Oscar Wilde

**A morte parece menos terrível quando se está
cansado.**

Simone de Beauvoir

We all live in a yellow submarine.

Ringo Starr

Era uma vez

*Senhores e senhoras, circulem
Não há nada para ver
Está tudo sob controlo*

*Repetimos, senhoras e senhores
Não há nada para ver
Houve um problema mas
as forças da ordem
resolveram-no rapidamente
Nada de pânico, não há nada a recear
A situação está sob
Perfeito controlo*

*Uma vez mais, meninos e meninas
Estimável público
Não há nada para ver
Houve um problema mas
as autoridades agiram
sem contemplações
Nada de pânico, não há nada a recear
A situação está sob perfeito contr—*

1. Forma



Foi portanto você que tentou pôr uma bomba, seu malandro.

Fui, sim senhora.

Ai você ainda admite?

Como não havia de admitir? Há testemunhas...

Há testemunhas, sim.

Então...

Mas—

Não estavam a contar que eu admitisse tão depressa, não é verdade?

Bem...

Eu cá sou assim. Franco, honesto, frontal.

Isso é o que vamos ver.

Apanharam-me, para quê complicar? A vida já é complicada o suficiente sem a nossa ajuda, não é?

Tem razão, confessar, admitir a culpa, é o melhor para todos.

Assim pode tudo ir almoçar, descansadamente...

Calma, você não.

Eu não?!

Você é um terrorista. Você está a pão e água.

Claro. Tem razão. Era uma forma de dizer.

E vai ser torturado.

Torturado?

Tem de ser.

Torturado?

Não muito. Apenas um bocadinho.

Não me apetece.

Porquê?

Acho que não gosto.

Já alguma vez foi torturado?

Assim que me lembre...

Então como sabe que não gosta? «Não negue à partida uma ciência que desconhece.»

Não me parece que ser torturado faça o meu género.

Não se preocupe. Não vamos chamar tortura.

Menos mal, mas ainda assim...

Tem algo contra?

Por acaso tenho. Então se eu já confessei...

Não importa. Protocolo.

Protoquê?

Protocolo.

Mas a tortura não é ilegal no vosso país?

Tem inteira razão.

Então como me podem torturar?

Por isso mesmo é que não lhe chamamos tortura.

Ah. Inteligente.

Obrigado. E de qualquer modo não se preocupe, são coisas suaves—

Compreendo.

—que não deixam grandes marcas visíveis.

Tais como, pode saber-se?

Tais como, pode saber-se?!

As práticas. Que não deixam marcas visíveis.

Ah. Bem, por exemplo, pôr heavy metal em altos berros...

Calha bem. Eu gosto de heavy metal.

Em altos berros.

Sou meio surdo.

Horas a fio. Non stop.

Bah! Tortura, tortura, era porem tão baixinho que eu mal conseguisse ouvir. Isso sim, era tortura. Como quando vamos num táxi e a única vez em que o motorista tem a música mesmo baixinha-baixinha é quando toca uma das nossas canções favoritas.

É verdade. Já me aconteceu. É horrível.

E uma pessoa não se atreve a pedir ao homem para pôr mais alto, senão ele ainda barafusta.

Obrigado pela informação.

Qual? Não lhe dei...

De que consigo o heavy metal em altos berros horas a fio não funciona.

Ah? Bolas, vocês são mesmo bons.

Somos.

Agora caí direitinho.

É assim, connosco ninguém faz farinha.

É justo.

Então vamos dar-lhe electrochoques.

Isso magoa?

Não sei. Nunca recebi nenhum.

Mas faz uma ideia.

Suponho que um bocadinho.

Ah. Se for só um bocadinho está bem.

Mas eu não lhe saberia mesmo dizer. Nunca recebi.

É o mal de estar sempre só de um lado. Deviam variar, ver outras paisagens.

Está a dar-me conselhos?

Não, não. Só a opinar.

É que nós não recebemos conselhos de terroristas.

E fazem vocês muito bem. Nós, como classe, não somos lá muito fiáveis.

Nem mais.

Claro, há excepções.

Não me diga. Você?

Eu, sim.

Isso é o que ainda vamos a ver.

Espero bem que sim. Nem estou cá para outra coisa.

Você até parece um fulano sensato.

E sou.

Sendo assim, o que raio lhe deu para vir cá tentar pôr uma bomba?

Ai, isso não posso dizer.

Por favor, diga.

Não posso, você vai-se rir.

Não vou.

Promete?

Juro pela minha mãe.

Então está bem.

De qualquer modo, eu sou conhecido pela minha falta de sentido de humor.

Ah.

Então?

Então o quê?

Conte lá. O que lhe deu na cachimónia?

É que eu não tinha dinheiro para a passagem.

Ah.

Assim, a modos que surgiu esta oportunidade.

E achou que fazer terrorismo era uma boa forma de viajar?

Bem, eu nem tentei detonar a bomba.

Isso diz você. O que a brigada anti-minas diz é outra coisa muito diferente.

O que dizem eles, pode-se saber?

Que foi uma sorte, havia um fio mal ligado.

Vê?

Está a dizer que o fio mal ligado não era incompetência, era intenção?

Sim.

A sua intenção desde início?

Pois se eu lhe estou a dizer.

Sendo assim, por que motivo trouxe a bomba?

Bem eu tinha prometido trazê-la.

Mas se sabia que não era para a explodir...

Bem...

Tem de haver outra explicação, não acha?

É que eu não tinha a certeza de que me deixavam entrar no vosso belo país.

Está a dizer que receava que, sem a bomba na mala, não o deixássemos entrar?!

Isso mesmo.

O que está a dizer é absurdo.

Nem por isso. E se, caso eu dissesse que vinha só fazer turismo, me barrassem a entrada por pensarem que eu era um imigrante?

Fez-se prender por medo de o tomarmos por migrante?

Sei que muitas pessoas são mandadas para trás. Ficam semanas à espera de apanhar um voo de volta.

Não é assim tão mau.

Ou meses. E nem podem sair do aeroporto, pobres coitadas.

Bem, os aeroportos hoje são muito como centros comerciais, têm boas lojas.

Daqui a pouco vai dizer-me que são como cruzeiros no Mediterrâneo.

Ao passo que você...

Eu consegui safar-me.

Conseguiu safar-se?

Entrar.

Entrar?

Já não estamos no aeroporto, pois não?

Não. De facto não.

Vê? Parece incrível mas, nos tempos que correm...

Mais vale ser tomado por terrorista do que por imigrante.

Você o disse. Limpinho.

Há decerto maneiras melhores.

Diga uma.

Sei lá.

Vê?

Olhe, por exemplo, não podia ter traficado droga, como toda a gente?

Ser mula, é o que está a dizer?

Não.

Está a chamar-me mula?

Não.

É que mula é o termo técnico para designar os infelizes que aceitam transportar droga a troco de algum dinheiro.

Ao passo que você transportou uma bomba. Muito mais digno, sim senhora.

Não foi isso que eu disse.

Mas foi isso que deixou implícito.

A verdade é que...

Diga.

Até tenho vergonha de dizer.

Diga.

Não encontrei nenhum traficante que me quisesse como mula.

Não?!

Nem um. Se calhar é porque também já não sou novo. Isto agora só querem gente jovem, até para transportar droga.

Está a dizer-me que não encontrou.

Admito, terei se calhar também sido preguiçoso. Procurei pouco.

Sem dúvida. A sua terra é conhecida por—

E aceitei quem se chegou primeiro.

Assim tão simples?

A verdade é que eu tinha um primo que eu pensava que andava metido no negócio do azeite mas afinal era o do terrorismo e quando eu lhe contei que gostava de viajar mas havia o problema do dinheiro ele disse que podia falar com os sócios a ver se arranjava qualquer coisa.

Lindo negócio o seu primo lhe arranjou.

Agora acho que o senhor está a ser sarcástico.

E?

É que como tinha dito que não tinha sentido de humor...

O sarcasmo não é humor.

Depende das opiniões. Eu, por exemplo, sou de opinião que...

Não desvie a conversa.

Eu? Eu estou só a—

E foi a organização do seu primo que lhe pagou o visto?

Nisso foram muito correctos. Trataram de tudo.

E você veio cá pôr uma bomba e matar pessoas.

Bem, não é que goste, mas tinha dado a minha palavra.

Ah, tinha dado a sua palavra.

Tinha.

Quer dizer, você acha que faltar à sua palavra é chato, mas pôr bombas já é aceitável.

Bem. Dito dessa maneira, até parece que cometi algum crime...

E cometeu. Tentou trazer uma bomba!

Desligada.

Trouxe uma bomba!

Uma pequenina.

Uma bomba.

Artesanal. Quase um produto típico.

Veio fazer terrorismo para o nosso país.

Também é verdade.

Linda peça você me saiu.

Também é v—

Você! Está aqui está a levar-me um...

Mas posso dizer uma coisa em minha defesa?

Eu nem sei...

Posso dizer uma coisa em minha defesa?

Diga, diga. Sempre quero ver o que daí vai sair.

A verdade é que ninguém me perguntou por escrito se eu vinha fazer terrorismo.

Perdão?

Se alguém tivesse perguntado se eu vinha com intenções terroristas, talvez eu pensasse duas vezes.

Perdão?

Porque assim, caso dissesse que não, eu estaria a mentir. E mentir é feio.

Perdão?

Não me diga que não acha que mentir é feio?

Acho, acho, mas...

Mas nada. Tivessem perguntado.

Quer dizer que se tivéssemos um formulário onde perguntássemos ao senhor se vem ao nosso país com intenções terroristas você responderia...

Que sim, claro.

Que sim?

Não ia mentir, pois não?

Bem...

Ainda por cima, se o papel fosse mesmo oficial poderia ser perseguido judicialmente por ter mentido à entrada.

Quer dizer que, na sua santa opinião, os terroristas iriam dizer a verdade se lhes fosse perguntado se eram terroristas?

Bem, não posso falar em nome de todos os meus colegas, mas acho que pelo menos uma parte responderia que sim.

Responderiam que sim...

Uma coisa é fazer terrorismo, outra muito diferente desobedecer à lei.

Mas pôr uma bomba é um crime.

Depende da opinião.

É um crime.

Para o meu primo não é, é justiça divina. Ou castigo merecido ou lá o que é. Vendetta, vingança, penalty, algo assim.

Você tem uma grande lata.

Não, só acho é chato misturarem alhos com bugalhos.

Alhos.

Com bugalhos. Uma pessoa pode ser terrorista e ser honesta.

A sério?

Lá por sermos terroristas, não somos todos criminosos.

É incrível.

E depois admiram-se de haver quem ponha bombas. Ofendem as pessoas, chamam-lhes mentirosas sem qualquer razão e...

Perguntar à entrada se a pessoa é terrorista, diz você.

E não só. Já agora podiam fazer um formulário maior (também, é só uma ou duas folhas de papel, não dá grande despesa) e fazer mais perguntas úteis.

Tais como?

Sei lá, vocês é que são os profissionais.

Não, mas já agora gostava de o ouvir.

Pensava que não negociavam com terroristas.

Não me diga que agora está amuado.

É só que...

Veja lá se quer um choque eléctrico, para desamuar.

Não é preciso, obrigado.

Ou um pano molhado em cima da cara, a simular afogamento.

Não, obrigado, já desamuei.

Já desamuou? Tem a certeza?

Já desamuei.

Então prossiga lá com o seu raciocínio.

Agora com as interrupções perdi-me.

Ia a dizer que havia outras perguntas úteis a incluir no formulário.

Ah, sim. Por exemplo, se uma pessoa já fez tráfico de escravos, já pertenceu a uma organização criminosa...

Bem visto.

Se já estive presa por um crime, se já foi condenada por pedofilia...

Sim...

Está a tomar nota?

Estou a tomar nota mental.

Isso não chega. Tem de tomar nota. Se não toma mesmo nota depois esquece.

Eu não me esqueço.

Esquece, esquece. Eu sei como são as pessoas. Oh, então eu não sei como são as pessoas?

Continue, homem.

Não sei se deva.

Continue. Não se faça de mais chato do que é.

Bem... Se já participou num genocídio ou conspirou para derrubar um governo... Coisas assim.

E você acha que, se fizermos essas perguntas na fronteira...

Ou mesmo, olhe, isso é que era uma ideia, no momento de pedir o visto.

No momento de pedir o visto?

Assim poupava-se trabalho. Era bom para toda a gente. Para vocês, para a organização terrorista, que poupava o dinheiro da viagem...

E porque haveríamos nós de querer poupar dinheiro aos terroristas?

Ora essa! Porque temos de ser uns para os outros.

Uns para os out—?!

Está a ver? Com esse feitio ainda se admiram de ter inimigos?

Você está a dizer que...

Nunca se sabe quando uma pessoa vai precisar de outra.

Você...

Olhe, é como na anedota do homem que estava no restaurante a querer ser atendido e pas-

sou um empregado e o homem chamou-o e o empregado disse não é a minha mesa, a minha é a mesa 4, e a cena repetiu-se (porque nas anedotas as cenas repetem-se sempre pelo menos duas a três vezes) e sempre com o empregado a repetir não é a minha mesa, a minha é a mesa 4, até ao dia em que, passados uns tempos, o empregado teve um acidente—

Ou foi vítima de terrorismo...

Mau, quem está a contar a anedota? Eu ou o senhor?

OK, continue, continue.

E foi parar ao hospital e estava numa maca cheio de dores e nisso passa um médico e o empregado pede ao médico que cuide dele e aí o médico reconhece-o e é o empregado cínico do restaurante que lhe estava sempre a dizer não é a minha mesa, a minha é a mesa 4. E sabe o que o médico responde?

«**Não é a minha mesa, a minha é a mesa 4.**»

Mau. Já conhecia a anedota?

Não.

É que, se já a conhecia e me deixou para aqui feito parvo a contá-la, é desagradável.

Não conhecia, só que o desfecho é lógico.

Jura?

Juro o quê?

Jura que não a conhecia já?

Juro.

Então está bem.

Está bem?

Confio em si. O meu amigo disse que não a conhecia e eu acredito em si.

Tão simples quanto isso?

Como vocês, quando fizeram o formulário a perguntar se eu era terrorista ou não e se tinha intenções ou não de vir para aqui para a vossa terra fazer terrorismo.

Mas nós não temos esse formulário.

Pois. Mas deviam ter. Prevenia muitas chatices. Está a ver a importância de fazer as boas perguntas às pessoas?

Está a insinuar que—

Não estou a insinuar, estou a dizer. Que, se tivessem um formulário onde me perguntassem as minhas intenções, eu teria dito quais eram.

Mas nós perguntamos à entrada.

Não perguntam nada.

Perguntamos. O funcionário da alfândega não lhe perguntou se vinha em terrorismo ou em negócios?

Sim, mas isso não chega. «Terrorismo» é muito parecido com «turismo». E com as diferenças de sotaque é normal que o funcionário da alfândega se confunda. Ná, tem de ser um papel.

Quer dizer que você respondeu...

Eu respondi «terrorismo» e quando ele me deixou passar até fiquei surpreendido. Olha, disse eu

cá para com os meus botões, pelos vistos parece que afinal é verdade, neste país o terrorismo é legal. Lembro-me de que fiquei até mais descansado.

Não me diga.

Digo, digo. É que me estava a fazer um pouco de espécie a ideia de vir pela primeira vez a um país e fazer logo uma coisa deselegante, como não limpar os pés no capacho à entrada de uma casa...

Ah.

Mas quando percebi que o terrorismo no vosso país era socialmente aceite fiquei mais descansado.

O terrorismo não é socialmente aceite!

Olhe, parece.

Não é so—

Pronto, agora já sei, mas na altura... Foi um engano legítimo. Vocês também têm tanto crime, é natural que uma pessoa se confunda.

Ah, a culpa é nossa.

Como podia eu adivinhar? Primeiro, não perguntaram em nenhum formulário, depois o vosso funcionário carimba-me o passaporte como se não fosse nada quando eu digo ao que venho...

Acha então que o terrorismo pode ser socialmente aceite.

Na terra de onde venho é.

A sério?

Desde que para exportação.

Ah. Naturalmente.

O meu primo e os seus sócios têm até um bonito cartaz à entrada do estaminé, com um slogan engraçado: «Visite outros países e expluda de alegria.»

Incrível.

Pois. Um formulário, é o que lhe digo.

Um formulário.

Um formulário e garanto-lhe que ia ser tudo mais fácil. Até do ponto de vista legal.

Do ponto de vista legal?

Se uma pessoa viesse para aqui após ter cometido um genocídio e depois a detivessem, ela já não poderia alegar ignorância. «Ai, ninguém me informou de nada, não sabia que aqui na vossa terra o genocídio era mal visto...»

Hmm.

Assim, arriscam-se a que a pessoa seja solta pelo tribunal. Coisa que já não aconteceria se houvesse um—

Um formulário.

Um formulário, é o que lhe digo. Um formulário, as pessoas levavam algum tempo a preenchê-lo, claro, responder às perguntas todas, «Já participou na aquisição de uma bomba atómica ou de componentes nomeadamente plutónio para aquisição de uma bomba atómica?», etc., mas valia a pena o esforço. Olhe que às vezes mais vale ter algum esforço antes do que ficar a chorar depois.

Como se diz lá na nossa terra (é até um provérbio com graça), prevenir é melhor que remediar.

Um formulário.

É o que lhe digo, um formulariozinho. Vai ver que nunca mais têm terrorismo como tinham dantes.

Um formulário.

Ah, só mais uma coisa.

O quê?

Não se esqueçam de depois no fim obrigarem as pessoas a assinar. Com tudo lá indicadinho. «Declaro por minha honra que todas as declarações prestadas são verdadeiras», e assim por diante. Para não haver cá malandrices.

Obrigado.

De nada. Já me posso levantar e ir embora?

2. Vazio